

UM OLHAR DIVERTIDO PARA A EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA: A PIADA E O YOUTUBE COMO UMA PRÁTICA DE ENSINO REFLEXIVA

Valéria Lemos de Sousa

Samara Maria Belarmino da Silva

Universidade Estadual da Paraíba, prograd@uepb.edu.br

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência de uma sequência didática desenvolvida em 20 aulas de Língua Portuguesa em uma escola pública da cidade de Monteiro – Paraíba, com uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental. Na ocasião, foi aplicada uma sequência de quatro módulos com os gêneros debate e piada e o auxílio de vídeos disponíveis na plataforma Youtube. Porquanto, a ferramenta Youtube está próximo da realidade e acesso dos alunos ao mesmo tempo nos auxilia como suporte para o desenvolvimento das aulas. Em outras palavras, buscamos por meio de discussões, leituras e de análise linguística em piadas refletir sobre toda a funcionalidade desse gênero, buscando desmistificar os estereótipos que estão presentes nos textos e sobre o posicionamento dos alunos diante do “politicamente correto”, tema do debate. Realizado com o intuito de trabalhar nesse gênero formal, a oralidade e a argumentação em sala de aula visando levantar a reflexão e o posicionamento dos discentes sobre os temas que carregam tantos preconceitos dentro das piadas. Voltamos nossos olhares nesta sequência para que a prática de ensino seja um momento divertido, consciente e social. A experiência foi baseada em Possenti (2010; 2001), Marcuschi (1997), Pereira (2008) e Brasil/MEC (1998). Com a realização desta, concluímos que o trabalho com gênero humorístico, com o gênero formal e o suporte digital contribui de uma maneira significativa para a realização das aulas, uma vez que os discentes responderam satisfatoriamente ao que foi proposto através de suas reflexões e levantamentos dentro do debate que realizado.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, advém de uma experiência realizada no componente curricular eletivo Estágio Supervisionado II. O estágio supervisionado, exerce sobre o estagiário um papel significativo e é um divisor de águas para a licenciatura, é novamente no ambiente escolar, dentro da sala de aula, que o futuro docente irá aperfeiçoar sua metodologia e didática. E é com essa experiência prévia que o graduando irá aprender a lidar com os percalços e se aproximar do contexto escolar entendendo como funciona a sua rotina, os desafios que poderá enfrentar futuramente e com a troca de experiências poderá formular suas práticas. Pimenta e Gonçalves (2004, p.45) “consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará” [...] portanto, as autoras defendem “uma nova postura, uma redefinição do estágio, que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade”. Sendo assim, o professor em formação recebe ao longo da graduação, um suporte teórico enriquecedor que o prepara para momento da intervenção. Esse suporte, traz ao professor uma gama de opções

didáticas para o planejamento e funcionamento de suas aulas e cabe a ele aplica-las como práticas a serem aperfeiçoadas ao longo do tempo, levando sempre em consideração a turma com a qual vai trabalhar.

Relataremos a seguir, as contribuições adquiridas em um trabalho voltado para um gênero humorístico que é pouco trabalhado em sala de aula, a piada. Para tanto, apresentamos aos alunos textos e atividades que estivessem em sintonia com a sua realidade. Neste sentido, a escolha pelo gênero foi baseada nas vozes que são adquiridas em todo o processo de graduação: O professor regente da turma do 8ª ano, que apresentou a sugestão do trabalho com o livro didático *Singular & Plural: leitura produção e estudos da linguagem* das autoras Laura Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart – 2º ed. São Paulo 2015 - no capítulo 1 intitulado *Língua e Linguagem*. Em seguida, ouvimos a voz da universidade que contribuiu para que pudéssemos adaptar o nosso trabalho e nossas vozes enquanto professoras em formação.

Ainda no processo de adaptação da sequência didática, percebemos que somente o gênero piada não daria conta de toda as aulas de intervenção, tornando-se um processo repetitivo. Por isso, outro gênero pelo qual optamos por trabalhar foi o debate que deu sequência as discussões acerca das piadas. O debate não foi escolhido de maneira aleatória, uma vez que, é uma exigência do livro didático. Mas, por não ter coerência o tema proposto pelo livro com a piada, decidimos adaptar o tema para que a sequência tivesse uma continuidade. Dessa forma, trabalhamos tanto com a proposta do livro quanto a da nossa sequência didática. Ao contrário do gênero piada o debate, nesse caso, tem a finalidade de promover uma reflexão sobre todo o conteúdo exposto ao longo das aulas e também trazer para a sala a produção oral, fazendo com que o aluno desenvolva suas habilidades com a linguagem. Diante dessa realidade, nossa sequência didática teve por objetivo, fazer com que os alunos desenvolvessem suas habilidades de leitura, interpretação textual, oralidade e análise linguística, a fim de despertar nos discentes o senso crítico reflexivo acerca das temáticas abordadas nos referidos gêneros.

Logo, o artigo está estruturado em quatro partes, na primeira encontra-se a introdução que consta a justificativa e os objetivos, no segundo momento encontra-se os processos metodológicos. No terceiro, estão os resultados, discussões e a análise da experiência que definiram os movimentos que foram tomados para a realização deste trabalho, em seguida, a conclusão.

2. Processos Metodológicos

Segundo o Parâmetros Curriculares Nacionais – doravante PCN – “todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam”. O trabalho, é composto de reflexão e análise da língua, para que se possa propiciar uma melhor qualidade do uso da linguagem. Sendo assim, o ensino da língua portuguesa tem a finalidade de oferecer as maiores possibilidades no uso da linguagem, então as capacidades a serem desenvolvidas devem ser de: Leitura, escrita, fala e escuta através dos diversos gêneros.

O humor [...] é um campo em que se praticam gêneros numerosos, da comédia à charge, passando pelas “crônicas” e narrativas, histórias em quadrinhos, tiras, pelas piadas e pela exploração humorística de numerosos outros tipos de textos [...], “comédias em pé”, programas de rádio e televisão... Além de os gêneros humorísticos serem muito numerosos, pode haver manifestações humorísticas no interior de todos os tipos de texto [...] (POSSENTI, 2010, p.175).

Trabalhar esse gênero, ajuda tanto na dinâmica da aula quanto na observação dos aspectos linguísticos, visto que a linguagem encontrada nas piadas, possibilita um trabalho com interpretação, análise linguística, leitura e a observação das condições de produção. Por isso, Possenti diz que:

[...] há piadas que supõem leitores específicos, que partilhem de saberes – de memórias – específicos. Além disso, exige-se uma capacidade de sacar trocadilhos, duplos sentidos, alusões etc. Nesse sentido, as piadas são um tipo de texto específico, porque, se é verdade que todos os textos supõem algum ‘conhecimento prévio’ ou enciclopédico’, a piada exige, além disso, uma precisão cirúrgica na leitura de certa passagem (em geral, seu final). (POSSENTI, 2010, p.111)

Percebe-se então, que a piada fornece “uma coleção de fatos e dados impressionantes para quem quer saber o que é e como funciona uma língua” (POSSENTI, 2001, p.72). Em contrapartida, o debate traz para a sala de aula uma exigência de diversas habilidades formais, pois é um gênero opinativo que está inserido nas práticas de oralidade, tendo como ação social uma discussão entre as partes com base na argumentação ou exposição de razão.

“Uma das razões centrais do descaso pela língua falada continua sendo a crença generalizada de que a escola é o lugar do aprendizado da escrita. Uma crença tão fortemente arraigada que já se transformou numa espécie de consenso: a escola está aí para ensinar a escrita e não a fala.” (MARCUSCHI, 1997 p.23)

Em consonância com o que é apresentado por Marcuschi, o PCN propõe um trabalho amplo dentro da escola junto a oralidade ressaltando assim a sua importância, dentro e fora do ambiente escolar:

Dessa forma, cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas

atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações (PCN, 1998. P.25)

O debate permeia diversas esferas comunicativas, realizando-se também em distintos graus de formalidade. Conforme nos orienta os PCN (1998) a escola é um espaço privilegiado para o estudo da diversidade de gênero que nos circundam. Portanto, o debate deve ser visto como um instrumento para trabalhar as capacidades argumentativas dos alunos ao defenderem oralmente um ponto de vista, uma escolha ou um procedimento de descoberta (Schneuwly e Dolz, 1998). O objetivo desse gênero é encontrar, através de um raciocínio coletivo, soluções aceitáveis para os problemas colocados em discussão

A pesquisa foi realizada com uma turma do 8º ano, que contava com vinte alunos devidamente matriculados entre 13 e 14 anos. Foram desenvolvidas vinte aulas exigidas pela disciplina, com intervenção e participação na rotina escolar. Para tanto, dividimos nosso trabalho em IV Módulos que serão apresentados a seguir.

3. Resultados e Análise da experiência

O módulo I dessa sequência foi voltado para a leitura e escuta de piadas, nestas primeiras aulas levamos as piadas impressas e em slides com a intenção de que os alunos observassem como a mesma é constituída, quais são as suas finalidades, qual seu público alvo e sua estrutura.

- Texto III:
- Na escola, a professora manda um aluno dizer um verbo qualquer e ele responde:
- Bicicreta.
- A professora, então, corrige:
- Não é "bicicreta", é "bicicleta". E "bicicleta" não é verbo.
- Ela tenta com outro aluno:
- Diga um verbo!
- Ele arrisca:
- Prástico.
- A professora, outra vez, faz a correção:
- Não é "prástico", é "plástico". E "plástico" não é verbo.
- A professora faz a sua última tentativa e escolhe um terceiro aluno:
- Fale um verbo qualquer!
- Hospedar.
- A professora comemora:
- Muito bem! Agora forme uma frase com esse verbo.
- Os pedar da bicicleta é de prástico.

- Texto I:
- No guichê da Rodoviária de São Paulo, o português presta atenção na forma como o brasileiro que está na sua frente pede uma passagem ao vendedor:
- - Aparecida, ida.
- Finalmente, chega a vez de o português pedir a sua passagem. Resoluto, certo de que aprendeu como deve proceder, ele se dirige ao vendedor:
- - Ubatuba, uba.

- Texto II:
- Uma loira chega em uma certa loja e chama o vendedor:
- - Vendedor, eu quero comprar aquela televisão ali!!!
- O vendedor responde:
- -Minha senhora, não vendemos pra loiras.
- A loira foi em casa, pintou o cabelo de preto, voltou à loja e chamou o mesmo vendedor:
- -Vendedor, eu quero comprar aquela televisão ali!!!
- O vendedor responde:
- -Minha senhora, já disse, não vendemos pra loiras.
- A loira volta em casa e pinta o cabelo de ruivo. Volta à mesma loja e chama o mesmo vendedor:
- -Vendedor, eu quero comprar aquela televisão ali.
- O vendedor responde:
- -Minha senhora, já disse, não vendemos pra loiras.
- Aí ela pensa, pensa (isso é raro) e logo fala:
- - Eu fui em casa e pintei meu cabelo de preto, depois voltei e pintei meu cabelo de ruivo, como sabe que sou loira?
- O Vendedor responde:
- - Por que aquilo não é uma televisão. É um microondas!!

No primeiro momento, trabalhamos com as três piadas acima, como esclarecido anteriormente, nosso objetivo com esse primeiro módulo de leitura de piadas era o de fazer com que os discentes pudessem reconhecer que o gênero trabalhado é de cunho humorístico, quais são as especificidades da piada e desenvolver habilidades de leitura. Saindo assim, do trabalho que exige do aluno somente o ato de decodificar e codificar.

É papel da escola, segundo Koch e Elias (2009, p.74), "possibilitar ao aluno o domínio do gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, de modo a ser capaz de compreendê-lo, produzi-lo na escola e fora dela (...)". Foi possível observar a euforia e empolgação dos alunos com as três piadas expostas, porém, um fato chamou atenção, os discentes tiveram prazer e graça ao comentar sobre a *Loira* mas houve uma dificuldade de compreensão quanto a piada de *Português*, pois eles não tinham conhecimento da associação que se faz do português a falta de inteligência e esse fato, trouxe para a aula uma discussão sobre o conhecimento de mundo que é necessário para que o humor seja gerado. Quanto a piada de *Joãozinho*, eles não tiveram problemas de compreensão, pois o humor presente na piada estava no trocadilho feito no uso do verbo.

A partir disso, foi sinalizado para os discentes que os conteúdos e temas de piadas na maioria das vezes (ou quase sempre) fazem uso de pré-conceitos para trazer o humor. Quando questionados sobre o que eles achavam sobre este fato, afirmaram achar errado, porém acreditam que, se as piadas não explorassem esses temas, elas poderiam não fazer tanto sucesso, ou não conseguirem atingir seu objetivo que é fazer com que as pessoas se divirtam e deem risadas.

Para o módulo II de escuta foi utilizado a ferramenta "Youtube" que segundo Burgess e Green (2009, p. 9), "é o maior aglutinador de mídia da internet no início do século 21", além de ser produto da cultura participativa e da chamada ágora virtual (LÉVY, 1994). Pelo ponto de vista da cultura participativa, "cada um desses participantes chega ao YouTube com seus propósitos e objetivos e o modelam coletivamente como um sistema cultural dinâmico: o Youtube é um site de cultura participativa" (BURGESS; GREEN, 2009, p. 14). Fizemos uso deste recurso com a intenção de prender a atenção e de tornar a aula didática levando a turma a identificar as partes que compõem uma piada; quais as principais características desse texto; as diferenças das piadas contadas nos dois vídeos e reconhecer diferentes modelos e meio de circulação desse gênero.

Os vídeos escolhidos foram: um do humorista Whindersson Nunes intitulado "Minha mãe me escraviza" em que, fala sobre seu cotidiano e faz piadas sobre seu relacionamento com

a mãe. Esse vídeo trouxe um momento de identificação dos alunos com vários dos comentários feitos pelo humorista que já tinham conhecimento sobre ele, uma vez que, é um dos mais assistidos no Brasil.

Em seguida, o vídeo do programa “A praça é nossa” com a personagem “Velha Surda” intitulado “Apolônio”. Logo após, os alunos foram listando as diferenças percebidas na funcionalidade das piadas contadas por comediantes e ressaltaram as dificuldades que eles (discentes) teriam em conta-las. Quanto a observação dos vídeos, deram muita atenção ao fato da caracterização, comentando que o humorista Windersson conta piadas, já no quadro da “praça é nossa”, a Velha Surda é a própria piada, uma vez que, a graça parte de toda a cena dela. Com isso, foi pensado em um trabalho com Análise Linguística no módulo III. Optamos por considerar o uso da Polissemia, pois era proposto pelo livro didático que estava sendo trabalhado e a proposta foi a de adquirir a habilidade de reconhecer os múltiplos sentidos que as palavras possuem dentro da piada.

Caso II: Quarto barato

Um homem chega na cidadezinha do interior e, ao procurar o hotel, estranha os preços das diárias: havia diária de cem reais, uma de cinquenta reais e outra de dez reais. O capiau atende e explica:
– Na de cem reais tem TV a cabo e sauna. Na de cinquenta reais não tem sauna. Na de dez reais tem que fazer a cama!
O viajante não tem dúvida:
– Fico nessa! Fazer a cama pra mim não é problema!
– Certo... Então pode pegar a madeira, os pregos e o martelo ali no fundo.

Atividade pré avaliativa

Questão 1 – explique a relação entre a polissemia e o humor presente na piada

Diferença entre o navio, a tartaruga e a laranja.

O aluno pergunta para a professora:

– Fessora, qual é a diferença entre o navio, a tartaruga e a laranja?

A professora diz: – Não sei. Qual é?

– A tartaruga tem casca em cima e o navio tem casca embaixo.

E a laranja? – perguntou a professora.

– Não dou resposta para bagaço, fessora .

Através dessa atividade, foi possível fazer com que os discentes entendessem que prática de análise linguística está associada a um trabalho reflexivo da língua, tendo por premissa o eixo de estudo da linguagem: uso – reflexão – uso. Nesse sentido, deve-se fazer o uso da língua despretensiosamente, logo em seguida refletir sobre a sua utilização e usá-la novamente em uma nova perspectiva. Não desconsiderando o ensino metalinguístico, que é de grande importância, pelo fato de que o reconhecimento das nomenclaturas é necessário para que o uso seja feito de maneira correta, fazendo com que os alunos tenham uma visão mais expansiva sobre a língua.

[...] os projetos de intervenção didática [...] tomarão como objeto de ensino e de aprendizagem tanto as questões relativas aos usos da língua e suas formas de atualização nos eventos de interação (os gêneros do discurso) como as questões relativas ao trabalho de análise linguística (os elementos formais da língua) e à análise do funcionamento sociopragmático dos textos (tanto os produzidos pelo aluno como os utilizados em situação de leitura ou práticas afins) (OCEM, 2006, p. 36).

Deve-se então, levar em consideração um eixo principal: o professor, pois ele terá que ampliar sua concepção sobre o que é língua, e fazer uma real integração na estrutura do seu ensino deixando de lado velhas práticas de decodificação e ressaltando a importância da reflexão e reconhecimento da funcionalidade das palavras aliada ao ensino de gramática. Parte-se do princípio de que a gramática, deve ser entendida e não meramente decorada, permitindo ao aluno o conhecimento linguístico necessário e garantindo uma efetiva participação social, expandindo a sua capacidade de reflexão no uso da língua.

O IV e último módulo foi voltado para um debate acerca dos estereótipos presentes nas piadas e que são tão recorrentes. Trouxemos outra perspectiva do humor, o stand-up através dos comediantes Danilo Gentili e Rafinha Bastos popularmente conhecidos por piadas que são conhecidas como “politicamente incorretas”. Os discentes através disso, tiveram uma análise maior sobre os conteúdos que são passados e que se propagam de tempos em tempos. Sugerimos que eles repensassem as piadas que fazem uso de pré-conceitos, se realmente são necessárias e com o apoio da ferramenta Youtube, mostrar o quanto esses humoristas, conseguem

Em seguida, foram apresentados três vídeos da plataforma Youtube com trechos de entrevistas envolvendo polêmicas com o nome de Rafinha Bastos e Danilo Gentili. Nestes vídeos, ambos se defendem e discutem sobre as acusações feitas acerca das piadas consideradas de “mau gosto” por parte de alguns, o que gerou para os dois apresentadores processos judiciais e uma grande repercussão na mídia. Não podendo ignorar o fato de que os referidos humoristas estão na mídia e conquistaram espaço em emissoras de televisão. Para os alunos não passou despercebido essa problemática que envolve as piadas e que são carregadas de estereótipos.

A realização do debate aconteceu na no fim da intervenção, a turma foi dividida da seguinte maneira: do lado direito, a defesa composta por 6 alunos; do lado esquerdo, a acusação composta por 6 alunas; ao fundo, o Júri com 4 alunos; e à frente da turma, as duas mediadoras. Explicadas as regras, o debate inicia de fato com um aluno de cada equipe fazendo suas considerações iniciais e dizendo os motivos pelo qual defende ou acusa o tema proposto. Para isso, ambos os grupos tiveram 2 minutos.

Houve um sistema de revezamento entre os participantes para que todos expusessem seus argumentos, tanto na defesa quanto na acusação. Os alunos fizeram suas considerações finais no tempo estipulado e como foi previsto. O júri teve o tempo de decidir quem venceu o debate, através das observações feitas das argumentações das equipes. O resultado do vencedor do debate foi divulgado para a turma, pois eles estavam bem eufóricos. Parabenizados pelo belo trabalho é válido ressaltar a surpresa de tudo o que foi apresentado por eles. A equipe de defesa

surpreendeu de maneira positiva, pelo fato de que não fez utilização do roteiro por mera preguiça e sim, como forma de se impor formalmente através de dados o seu posicionamento.

Por fim, ficou evidente que a turma entendeu o que foi proposto ao suprir as expectativas, responderem as atividades, discutirem, perguntaram e trazerem para a sequência proposta, um excelente rendimento e uma satisfação imensa para as professoras em formação.

4. Conclusão

O estágio proporciona o contato, ainda que breve com a realidade escolar e é o momento de preparação para que os professores em formação encarem a sala de aula e as dificuldades cotidianas da educação. Levando em conta, as carências individuais de cada aluno. A partir do que foi vivenciado nas intervenções, podemos constatar que prática docente só acontece quando estamos diante da turma, quando temos o primeiro contato com os alunos e os seus olhares estão postos sobre nós. Neste momento é que o trabalho se inicia e é a hora de colocar à prova tudo que conhecemos não só na teoria, mas em que acreditamos, é o momento de dar o melhor de si.

Como estagiárias e futuras professoras, utilizamo-nos deste momento de estágio para encontrar nossas próprias limitações e tentar sempre superá-las, aprimorando os nossos conhecimentos para a realização de uma prática eficaz e satisfatória. Esse trabalho enriqueceu não só nosso currículo enquanto profissionais mais nossa sensibilidade enquanto pessoas, pois foi através dele que pudemos mudar as nossas expectativas e cuidado em relação a cada aluno que diariamente enfrentam os mais diversos tipos de dificuldades.

A decisão pelo gênero humorístico fez com o que os discentes se divertissem e percebessem o quanto uma aula de Língua Portuguesa também pode ser animada e divertida, através do debate foi possível chegar nas crenças e valores sociais para que cada um dos alunos refletisse sobre tudo o que eles tenham acesso mesmo que isso seja considerado “engraçado”. Com isso, ressaltamos que o estágio enriquece a formação inicial de inúmeros licenciados principalmente por introduzi-los diretamente no contexto escolar, fazendo com que estes tenham a rica e valiosa oportunidade de absorver conhecimentos, colaborar e intervir na prática educacional.

O retorno que recebemos no momento das intervenções, ultrapassaram todas as nossas expectativas e trouxe a satisfação que nos fizeram perceber que o aperfeiçoamento acontece dia após dia. Mais do que aprender a preparar aulas é evidente a importância que a relação professor

e aluno tem confirmando que o respeito, a educação, perseverança e boa vontade resultam em pequenas vitórias diariamente em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003

CARDOSO, Caroline Rodrigues; COBUCCI, Paula. Concordância de número no português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; SOUZA, Rosineide Magalhães de; FREITAS, Vera Aparecida de Lucas; MACHADO, Veruska Ribeiro (Org.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014. p. 71-107.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 81-108

FIGUEIREDO, Laura de; BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley; **Singular e Plural: Leitura, produção e estudo de linguagem**

KLEIMAN, Ângela. Oficina de leitura – teoria e prática. Campinas: Pontes, 1993

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. As habilidades de leitura avaliadas pelo PISA e pela Prova Brasil: reflexões para subsidiar o trabalho do professor de português. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 34-46, jan./mar. 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**, 2003 (Livro Digital)

MARCUSCHI, Luiz Antônio; **O tratamento da oralidade no Ensino de Língua**, 1995 (Livro Digital)

Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

POSSENTI, Sírio; **Humor, língua e discurso** \ Sírio Possenti – 1 ed 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014

SCHNEUWLY, Bernard et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 21

UNDIME/CONSEDE/MEC. Base Nacional Comum Curricular. 2ª versão revista. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf> >. Acesso em: 1. jul. 2016